

---

## A obra de Freud e as suas vicissitudes

Luzes, P., Ferraz da Costa, M., Seabra Diniz, J., orgs., Sigmund Freud – 150 anos depois, Fenda, Lisboa, 2006, 293 págs.

**Carlos Leone**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/726>

DOI: 10.4000/cultura.726

ISSN: 2183-2021

### Editora

Centro de História da Cultura

### Edição impressa

Data de publicação: 1 junho 2008

Paginação: 295-298

ISSN: 0870-4546

### Referência eletrónica

Carlos Leone, « A obra de Freud e as suas vicissitudes », *Cultura* [Online], Vol. 25 | 2008, posto online no dia 01 outubro 2013, consultado a 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/726> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.726>

---

© CHAM – Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

## **A obra de Freud e as suas vicissitudes**

**Luzes, P., Ferraz da Costa, M., Seabra Diniz, J., orgs.,**

***Sigmund Freud – 150 anos depois*, Fenda, Lisboa, 2006, 293 págs.**

*Carlos Leone*

A indústria cultural tem nos aniversários mais diversas oportunidades de (auto) celebração com virtualidades cada vez mais exploradas. Neste caso interessa-nos a celebração dos 150 anos do nascimento de Freud, embora outros exemplos, à primeira vista até mais originais, fossem possíveis (como a ainda recente azáfama em torno dos 250 anos do terramoto de Lisboa). O que torna o caso dos 150 anos de Freud tão interessante é ver como em seu torno se procedeu à habitual evocação festiva, típica das indústrias culturais, sem com isso alterar ou sequer diminuir, a polémica em torno de uma figura que, como poucas, se confunde com a Obra que legou – a qual, desconhecida para quase todos, não obstante obteve uma integração na cultura *pop* muito rara entre teorias científicas e/ou filosóficas.

Será talvez apropriado começar por notar como os 150 anos foram evocados em toda a parte (tanto quanto sabemos, nem Portugal nem nenhum outro local se distinguiu pela originalidade). Aproveitando uma expressão com algum sucesso público do léxico freudiano, dir-se-ia que a generalidade das evocações exprimiu, muitas vezes involuntariamente, uma sensação de «inquietante estranheza» relativa não só à Obra teórica e clínica de Freud mas também ao próprio homem. Mesmo não sendo dominante aquilo a que se chama «forclusão», as «resistências» foram manifestas. À data do momento alto das actividades (final de Abril, princípio de Maio) encontrava-me em Paris e posso confirmar que as palavras de Pedro Luzes (actual presidente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise) a respeito do que sucedeu em França são adequadas: «A psicanálise tem sido periodicamente atacada mas nunca com tanta violência, com cabeçalhos tão provocatórios.» (cf. Prefácio). E no entanto tais ataques exprimem também a vitalidade da psicanálise, enquanto teoria e prática. Nesses dias, lemos num jornal português uma entrevista a António Damásio cujo objectivo parecia ser levá-lo a «refutar» a psicanálise (e não só a freudiana), apesar de apenas ter logrado forçá-lo a afirmar que as neurociências não contrariam, antes vieram reforçar, muitas posições defendidas pela teoria freudiana (no mesmo sentido, cf. neste volume o ensaio de João Lúcio França de Sousa sobre a sua experiência num Hospital Geral). E os exemplos poderiam ser multiplicados. Em vez disso, contudo, parece mais interessante tentar perceber o porquê desta tensão permanente e os modos como se exprime, evolui e afecta os diversos «públicos» da psicanálise. E a própria psicanálise.

O «porquê» será a questão porventura insolúvel mas que, mesmo numa nota breve como esta não pode deixar de ser tratada. Desde o início, a recepção da Obra de Freud foi marcada pelos mais diversos equívocos – e nem todos eles no sentido adverso a ela (os equívocos amigáveis, bem entendido, nem por isso são menos problemáticos). Freud foi particularmente atento a todas as objecções mesmo as simplesmente preconceituosas, e tentou corresponder com probidade científica aos desafios teóricos e práticos que elas representavam (e textos tão importantes como «O problema da análise leiga» ou «Construções em análise» são boa prova disso). E, apesar de ser tantas vezes identificado como um dos «mestres da suspeita», o facto é que tanto o seu pensamento como a sua prática relevam de uma esperança declarada e inabalável no ideal iluminista de progresso, mesmo com laivos de optimismo cientista que podem espantar os leitores mais afeitos aos lugares comuns a seu respeito (pensemos na sua convicção na falta de futuro da ilusão religiosa...). Não iremos ao ponto (bem pelo contrário) de afirmar, como faz Pedro Luzes, que Freud desperdiçou anos a estudar Filosofia na Universidade (cf. p. 219), mas é de facto bem notório como a formação positiva, até positivista, de Freud como médico predomina na sua Obra (as frequentes esperanças depositadas na evolução da Biologia para resolver problemas inacessíveis aos saberes do seu tempo, ou a vinculação da psicanálise às feridas do narcisismo humano universal causadas pela evolução do conhecimento científico moderno não permitem dúvidas a este respeito). Talvez pelo facto de, enquanto saber teórico e clínico, a Psicanálise ter sede fora da Universidade, e Catarina Rebelo Neves escreve neste volume um texto elucidativo acerca desta situação, a sua «marginalidade» seja maior (quem fala da psicanálise e do psicanalista como marginais, note-se, é José Martinho, representante em Portugal da corrente laciana, a qual não se encontra representada neste volume, bastante fiel à ortodoxia freudiana). E quem sabe se não é caso para dizer que é entre os muros da Academia, mais até do que entre o grande público, que o próprio Freud é *temido*. Isto porque, se o desconforto com o longo, lento e árduo trabalho de análise é universal, a figura de Freud junto do grande público é aquela do génio profundamente original e incompreendido, atributos popularmente apreciados (à distância); já nas universidades, onde, supor-se-ia, a reflexividade é estimada e exercida, o quadro é bem o contrário: a densidade teórica, a exigência clínica, a impressionante honestidade intelectual e a prosa de eleição de Freud tornam-no o mais das vezes numa perpétua ameaça à boa consciência de académicos mais e mais especializados em áreas cada vez mais diminutas mas nem por isso mais inexpugnáveis à pergunta pelo sentido que a psicanálise por definição faz. O temor de que falámos há pouco e que exhibições bem grotescas teve (mesmo entre as não particularmente violentas contra Freud) neste aniversário explica-se em boa medida por este efeito duplo: demasiado

incómodo para intelectuais profissionais (de todas as ciências), demasiado estranho para o imediatismo da cultura de massas contemporânea. E, da notoriedade pública imensa da figura de Freud assim ressentida, a psicanálise colhe os efeitos desse sentimento pela sua identificação com o criador.

Ora este volume contém um estudo particularmente interessante a respeito de tal problema (da autoria de Pedro Luzes, Ana Almeida e Catarina Rebelo Neves). Apesar de nos parecerem bastante tímidas as conclusões extraídas pelos autores, elas são indubitavelmente apropriadas: mesmo entre comunidades científicas cuja proximidade é, até profissionalmente, inescapável, como sucede entre psicanalistas e psiquiatras, o grau de desconhecimento dos autores, obras e conceitos psicanalíticos é impressionante. Aí se vê como Freud – quase como figura paterna onipotente – preenche quase por completo o campo da atenção dedicada à psicanálise por psiquiatras, os quais não se sentem, aliás, incomodados com este desconhecimento que admitem sem grandes reservas. Esta onnipresença de Freud será, em grande medida, um problema para a psicanálise, quer a nível da sua institucionalização universitária quer a níveis mais mediáticos (à falta de melhor termo), pelos motivos que já referimos. Tanto mais assim quanto a consciência de um afastamento da teoria freudiana original por parte dos psicanalistas posteriores (apesar de Lacan), sendo embora algo consciente entre a comunidade psicanalítica (cf., por exemplo a conclusão do texto de Maria José Gonçalves), é no entanto um processo que passa despercebido a quem não faz parte dessa restrita comunidade.

Se nos lembrarmos da obra colectiva editada por Pedro Luzes *Cem Anos de Psicanálise* (ISPA, Lisboa, 1987), teremos um termo de comparação útil para identificar mudanças relevantes. Há duas décadas, a participação de David Mourão-Ferreira tornava visível um esforço, hoje cada vez menor, de relacionamento com áreas bem diversas do saber, caso da Literatura, que foi em Portugal decisiva para a recepção (ainda que deficiente) da psicanálise em Portugal. Nos anos 20, sobretudo Freud (pense-se em Pessoa e João Gaspar Simões); depois disso, sobretudo nos anos '60 e '70, Jung (em autores ainda hoje activos, ainda que num registo já diverso, como Alberto Pimenta ou E.M. Melo e Castro, para não nos alongarmos). Além disso, também Lacan foi influente em leituras da obra pessoana (Leyla Perrone Moisés). E se em Portugal, hoje, é provavelmente na filosofia que se encontram as leituras mais estimulantes da psicanálise a partir do seu exterior (o leitor poderá pensar de imediato em José Gil, e não se equivoca, mas deve acrescentar as aproximações de Fernando Gil a Bion e Freud nos seus trabalhos sobre os conceitos de prova e de evidência), isso não contribui grandemente para desenclausurar a psicanálise, dadas as escassas repercussões que a Filosofia tem em Portugal. Ou seja: a evolução da tensão que a psicanálise representa, que é, para os seus públicos parece estar a ser feita

na direcção de uma especialização para áreas médicas e psicológicas nas quais, ironicamente mas sem espanto, as resistências são aparentemente mais fortes do que aquelas sentidas anteriormente face à Literatura ou à Filosofia. Bem entendido, isto não significa que possamos concluir que esta estratégia de relacionamento institucional com outros saberes e áreas de actividade está errada. Mas sim que indica um futuro para a psicanálise na qual a sua dimensão filosófica (já nem dizemos literária...) e a sua prática como «arte» é gradualmente diminuída em benefício da sua medicalização profissional e especialização científica segundo o modelo das ciências «duras» ou, pelo menos, de disciplinas mais técnicas. Os frutos de tal opção ainda estão por colher, pelo que sobre eles é mister guardar silêncio.

Mas não será prematuro observar que o retorno a Freud, mesmo o não-laciano, isto é, o reencontro com pontos fundamentais da psicanálise, como o inconsciente ou o complexo de Édipo, justamente considerados como diferenciadores da psicanálise mesmo face aos outros «saberes-psi», se torne cada vez mais improvável com semelhante especialização precoce dos psicanalistas, em prejuízo da cultura clássica, formação filosófica e sensibilidade artística (não apenas literária). Com maldade, poder-se-ia terminar perguntando se também os psicanalistas temem Freud. Sucede que seria uma pergunta retórica, até impertinente, atendendo a este livro ser, tanto quanto sabemos, o trabalho mais valioso publicado em Portugal sobre Freud e a psicanálise neste ano de aniversário. E, ao contrário do que é norma nas nossas indústrias culturais, conheceu inclusivamente um lançamento atempado. Não podendo continuar a escrever indefinidamente sobre ele (que inclui textos de Carlos Amaral Dias, Manuela Fleming, entre outros), contamos ter feito justiça às questões que o tornam pertinente e, *por isso mesmo*, ignorado pela crítica literária, mesmo especializada.